



Exmos. (as) Senhores (as)

Baseado numa observação informal que efetuei, uma parte significativa dos agraciados com o Título de Doutor Honoris Causa no mundo inteiro refere ou declara-se "não merecedor da distinção", "perplexidade" ou "surpresa" perante a atribuição deste título honorífico.

Quando no dia 18 de Outubro do ano passado, o Senhor Professor Pinhão Ferreira, Diretor da FMDUP me deu conhecimento do Despacho do Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Prof. Engenheiro José Marques dos Santos, concedendo-me o título "Doutor Honoris Causa", invadiram-me exatamente os mesmos sentimentos de perplexidade e sensação de imerecimento.

Mais admirado fiquei por a proposta ter sido aprovada por unanimidade e aclamação pelo Conselho Científico da FMDUP, tal como aconteceu na auscultação efetuada pelo Sr. Reitor ao Senado.

Foram, assim, satisfeitas as condições para a aprovação do grau de doutor honoris causa que agora me foi atribuído pelo Magnífico Reitor a quem agradeço, desde já, penhoradamente.

Acresce, ainda, o facto de a UP desde a sua criação formal em 1911, centenária instituição, pese embora o facto de as suas origens remontarem a meados do século XVIII, ter sido sempre muitíssimo parca na atribuição deste título. Apenas algumas dezenas de pessoas em mais de 100 anos foram contempladas.

Sem falsas modéstias, pensei: Porquê? Agora?

Mas, rapidamente compreendi que ao distinguir-me neste momento, a UP está a exaltar, em tempo certo, um trajeto coletivo que merece, inequivocamente, ser distinguido. Um esforço para o qual muitos contribuíram desde meados dos anos 70.

O percurso da medicina dentária em Portugal!

Como esta distinção tão especial se dirige a pessoas físicas e não a instituições ou pessoas coletivas, saúdo nessa exata medida, a iniciativa, agradecendo, reconhecidamente, à FMDUP e à UP.

Constitui em si, por iniciativa genial e visionária de dois professores Catedráticos, Afonso Pinhão Ferreira e António Felino, um marco adicional, de enorme significado e com a maior relevância para o desenvolvimento e a consolidação da medicina dentária.

Acresce, paradoxalmente, o reconhecimento da própria UP, que soube acompanhar a criação da então Escola Superior de Medicina Dentária do Porto em 1976 e, posteriormente, integrá-la no seu seio como FMDUP. Ajudando-a, desta forma, a evoluir saudavelmente, acompanhando as boas práticas internacionais, respeitando a sua autonomia, aliás, imprescindível para prosseguir com eficácia a sua missão: fomentar a qualidade da medicina dentária e formar médicos dentistas competentes, tomando por critério o denominado "benchmark", na matéria.

Trata-se, bem assim, do reconhecimento, mais do que justo, do percurso de muitos na afirmação da medicina dentária, tendo encontrado na minha pessoa o destinatário, eventualmente, melhor colocado para o efeito.

Constitui uma enorme honra pessoal protagonizar esta homenagem, ser distinguido desta forma, até por ser o primeiro médico dentista a ser contemplado.

Recuando ao ano de 2000, quando um grupo de colegas do Conselho Diretivo da recém criada Ordem dos Médicos Dentistas, me identificou como estando melhor colocado para liderar, como candidato a bastonário, uma lista concorrente às eleições, senti uma exaltação e um entusiasmo indescritíveis.

Após a eleição, encontrei uma forma adicional, com a qual mais me identificava, ainda que instrumental, de servir a profissão.

Procurei, desde então, identificar e valorizar os recursos humanos, eleitos e colaboradores verdadeiramente excepcionais, muitos aqui presentes também, com base no mérito, que imbuídos de um espírito similar, pudessem contribuir e reforçar um percurso que tinha como objetivo fundamental promover a literacia e melhorar a saúde oral da população.

O contexto na altura era totalmente diferente do atual.

Embora existissem, em Portugal, já em 1999, 7 faculdades de medicina dentária, aliás, nesta cerimónia aqui representadas e, portanto, um potencial de formação de profissionais que rapidamente se veio a revelar quantitativamente excessivo face às necessidades do País, quase tudo o resto se encontrava por fazer.

A cárie dentária e a doença periodontal (das gengivas), afetavam grande parte, mais de 90% da população portuguesa (como aliás ainda acontece em grande parte do mundo).

As políticas de prevenção eram praticamente inexistentes. O terror da visita ao dentista estava presente em grande parte da população.

Não esqueçamos que a medicina dentária foi desde o início, em meados dos anos 80, lamentavelmente, excluída do Serviço Nacional de Saúde e que este esforço se fez, sobretudo, no setor privado, na prática liberal da profissão, onde ainda se encontram a esmagadora maioria dos recursos humanos a este nível.

Portugal era, ainda substancialmente, um País de desdentados.

O impacto desta realidade na qualidade de vida dos cidadãos era tremendo.

Não havia consciência, mesmo em alguns sectores mais informados, da relação da saúde oral, saúde em geral e vice-versa.

A capacidade da medicina dentária para dar visibilidade a esta realidade era reduzida, junto da comunicação social, da opinião pública e dos decisores políticos.

A saúde oral era fundamentalmente negligenciada.

Daí para cá, um grupo de colegas, na Ordem dos Médicos Dentistas (grande parte deles aqui presentes), nas faculdades e, sobretudo, nas suas clínicas e consultórios privados, desenvolveram, com empenho, um esforço estoico de projetar a medicina dentária e o reconhecimento da profissão, a nível nacional e internacional.

Orgulho-me de ter liderado na Ordem, desde 2001 um conjunto de equipas às quais a medicina dentária muito deve.

Lembro-me bem de, por variadíssimas ocasiões, em apresentações, cerimónias oficiais, reuniões, painéis de discussão e conferências mencionar a importância da saúde oral e aludir à instituição representativa dos médicos dentistas (a Ordem) e de me aperceber com surpresa, do desdém e indiferença com que as minhas intervenções eram frequentemente recebidas.

Muita coisa mudou.

Tive o privilégio de não só assistir a essa mudança, mas também de ser um ator interveniente e empenhado nas mesmas. Penso que a OMD, instituição que data de 1998, incorporando a sua antecessora APMD, Associação Profissional dos Médicos Dentistas conseguiu, em aproximadamente 25 anos, perante circunstâncias muito adversas, de incompreensão e até, por vezes, de hostilidade por parte de outros grupos profissionais, afirmar-se num patamar que poucos almejaram.

Não se pode, no entanto, deixar de dar visibilidade a políticas públicas de educação, prevenção e tratamento através do Programa Nacional da Saúde Oral, do Governo transato e do atual, bem como de Programas Regionais, articuladas com a OMD, que contribuem decisivamente para a melhoria dos índices de saúde oral das populações, ajudando, em poucos anos, a aproximar Portugal da média dos países da EU e da OCDE.

Igualmente a vários agentes reguladores, stakeholders, políticos e responsáveis governamentais, comunicação social que tiveram igualmente um papel importante, muito deles associados aqui e hoje nesta homenagem à medicina dentária portuguesa.

A nível internacional, desde cedo senti como fundamental que a Ordem tivesse um papel ativo, participando em variadíssimos grupos de trabalho e de reflexão nas mais diversas instâncias e organizações.

Tanto em fóruns representativos da profissão, como em plataformas políticas, associativas, científicas e profissionais,

Ajudando, dessa forma, indubitavelmente, a modificar uma visão da nossa medicina dentária aparentada à de um país subdesenvolvido, rumo à vanguarda do conhecimento, da qualidade e da credibilidade.



Hoje somos um país produtor de conhecimento e formamos médicos dentistas, dos melhores do mundo, reconhecidos automaticamente na União Europeia.

Pessoalmente tive, também, o privilégio de ser eleito para um conjunto de posições liderantes dos organismos internacionais representativos, particularmente o Council of European Dentists (Conselho Europeu de Médicos Dentistas) e a FDI World Dental Federation (Federação Dentária Internacional), esta última a entidade cimeira da Medicina Dentária e parceiro da Organização Mundial da Saúde.

A Fundação por parte da Ordem e do Conselho Federal de Odontologia do Brasil, da Associação Dentária Lusófona veio, a nível dos países de língua e expressão portuguesa, dar visibilidade a realidades que muito de perto nos dizem respeito, em termos históricos e de partilha da mesma Língua, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Timor-Leste e Macau já para não falar do Brasil, autêntica potência mundial a este nível.

Apercebi-me, também, nomeadamente, na Presidência do CED e da FDI, do enorme prestígio que Portugal tem no mundo inteiro.

Capital esse muitíssimo desaproveitado pelo nosso País.

Só recentemente se começa a ter uma visão diferente, uma consciência da necessidade de aproveitar esse ativo intangível, mas de valor incalculável, constituído pelos remanescentes laços históricos, por vezes linguísticos, outras vezes decorrente apenas de um conjunto de ideias e projeções que existem sobre Portugal e os portugueses, em redes organizadas de *networking*, mobilizando líderes de opinião no mundo inteiro, não só embaixadas e organismos consulares, mas alargando-as à promoção de um sentido de portugalidade e de desenvolvimento que se deve projetar para além da nefasta, por inconsequente diplomacia do croquete e dedo mindinho espetado para uma visão moderna, necessária, imprescindível, de Portugal como uma nação que existe muito para além do território, da população e da língua.

Um Portugal pioneiro da globalização não se pode encolher no retângulo e no conforto das suas fronteiras convencionais.



Apercebi-me que, se utilizarmos de forma organizada as nossas capacidades, os nossos pontos fortes e uma nova forma de organização do nosso país, poderemos voltar a estar na vanguarda da civilização, nas mais diversas áreas e atividades, superando os limites geográficos, linguísticos ou até culturais.

Pessoalmente tomei consciência nas posições que ocupei em termos internacionais, sempre eleito e com opositores, que este "capital natural" é uma mais-valia fundamental.

Na minha opinião, a Universidade deveria estar mais envolvida neste desafio.

A UP tem que ser (e já é) crescentemente uma referência fundamental, de quem a cidade, o Norte, o País e a Diáspora Portuguesa muito esperam.

De futuro, deverá, na minha ótica, pela sua dimensão, procurar de uma forma mais vinculada, na internacionalização e na ligação à sociedade civil, a projeção adicional a que saudavelmente se propõe. Sempre numa perspetiva de excelência e de qualidade, com base no mérito.

Os países são fundamentalmente as suas pessoas.

E o investimento na sua formação é, a par daquele na saúde da maior relevância.

Se deixarmos de investir nestas duas vertentes, uma que assegura a nossa viabilidade futura outra, a da saúde, a do presente, estaremos condenados à insignificância, à menoridade.

A forma e os recursos financeiros e outros a alocar a estes investimentos devem ser motivo de discussão mais aprofundada na sociedade portuguesa.

No entanto, temos que nos abrir a conceitos inovadores ao nível da organização dos dois sistemas, de educação e da saúde, mais transversais, mais inter e transdisciplinares. Sobretudo de reconhecimento atempado e efetivo do mérito.

A educação é fundamental. Esta é uma mensagem que me ocorre e que gostaria de transmitir com toda a intensidade.



Devo dizer que fui na Faculdade um aluno sofrível. Não mais que isso. A minha atenção sofria na altura a concorrência feroz de outros interesses mais mundanos. Estão aqui muitos amigos e colegas desses tempos que sabem bem disso...

Apesar disso, a UP ajudou decisivamente a proporcionar-me, como escrevi aquando da celebração do seu centenário, mais do que a transmissão de saber ou aquisição de conhecimentos, uma capacidade refinada de pensar.

Aliado a estes aspetos, transmitiu-me uma tolerância acrescida pelo exemplo na integração de estudantes oriundos de outras paragens e outros países.

A UP deu-me não só a competência médica, técnica e ética para o exercício de uma profissão, então muito recente, mas de igual forma, proporcionou-me, também, alguma capacidade para levar a cabo, em paralelo, um percurso associativo, político, nacional e internacional.

Por isso, estou-lhe profundamente agradecido e tento projetar, não apenas a UP, como a cidade e o país, de todas as formas possíveis a nível nacional e internacional.

Estou ainda reconhecido à UP por me ter ajudado a desenvolver a característica pessoal em que confio plenamente: a minha intuição.

Esta intuição que se baseia mais não só em conhecimentos adquiridos, mas na experiência, no bom-senso, no antecipar de tendências e que procuro também nos que me rodeiam.

Esta intuição, que se revela principalmente quando a informação e o tempo são insuficientes para a tomada de decisões, quando as opções são múltiplas, nunca me tem no essencial deixado de ajudar.

Combino-a com a necessária aproximação em termos de relações públicas e diplomacia para levar a cabo, de forma focada, as missões regulatórias contidas no Estatuto da Ordem dos Médicos Dentistas.



Esta distinção dá-me força e alento acrescidos para continuar a desempenhar esta missão com o entusiasmo e dedicação que sempre dediquei à Ordem dos Médicos Dentistas.

Que bom é continuar a fazer parte desta Universidade.

Esta casa continuará sempre a contar comigo.

Carpe diem!

Muito obrigado.

Orlando Monteiro da Silva

Porto, 15 de janeiro de 2014